

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: DESAFIOS PARA A GESTÃO DE UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE JIJOCA DE JERICOACOARA-CE

Rita de Cássia Teixeira Sampaio ¹
Cristiane Jurdênia de Farias ²
Sinara Mota Neves de Almeida³

RESUMO

A gestão escolar é fundamental para promover um ambiente educativo e inclusivo que valorize e respeite a diversidade, preparando os alunos para uma convivência interativa e recíproca em uma sociedade multicultural, porém admite-se que no cotidiano escolar isso configura-se num grande obstáculo. Baseado nisso, este artigo apresenta uma pesquisa de campo que analisa os desafios enfrentados pela gestão de uma escola da Rede Municipal de Jijoca de Jericoacoara-CE, os quais dificultam a implementação de práticas pedagógicas interculturais. Para isso, adotou-se a abordagem qualitativa, na qual os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário aberto aplicado à equipe gestora composta por quatro componentes. O referencial teórico apoia-se nos pensamentos de Candau (2012), Candau, Ivenicki (2024) Silva, Rebolo (2017), Walsh (2009, 2010) e Fleuri (2022), dentre outros. Os resultados apontam que a gestão escolar enfrenta grandes desafios no trabalho com os diversos grupos socioculturais que integram a escola. O tempo dedicado à resolução de conflitos, substituições de professores, preparação dos alunos para avaliações externas, olimpíadas nacionais e internacionais e eventos promovidos pela instituição, impedem a formação de professores e outras ações que abordem a temática da interculturalidade. Nesse contexto, torna-se evidente a importância das propostas de educação intercultural, que oferecem uma oportunidade de repensar o papel da escola na sociedade contemporânea. A gestão escolar desempenha um papel crucial nesse processo, sendo uma aliada essencial contra o monoculturalismo, a padronização e a exclusão presentes na cultura escolar.

Palavras-chave: Educação Intercultural, Gestão Escolar, Diversidade, Cotidiano Escolar.

INTRODUÇÃO

Articulando-se a necessidade de pesquisas comprometidas com modelos educacionais transformadores e democráticos na perspectiva da educação intercultural crítica nosso texto problematiza sobre os desafios da gestão escolar em seu fazer diário na escola.

¹ Mestranda do Curso de Ensino e Formação docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, autorprincipal_ritaedujijoca@gmail.com;

² Mestra pelo Curso de Ensino e Formação docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, coautor1cristianejfarias@email.com;

³ Orientadora: Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará-UFC, orientadora_sinaramota@unilab.edu.br.

As reflexões foram guiadas pelo propósito de analisar os obstáculos enfrentados pela gestão de uma escola da rede municipal de Jijoca de Jericoacoara-CE, que dificultam a implementação de práticas interculturais no cotidiano escolar.

É importante ressaltar o papel da gestão escolar enquanto equipe é fundamental no desenvolvimento de processos formativos dentro da escola envolvendo docentes, comunidade de pais e estudantes nesse processo.

A implementação de práticas interculturais críticas depende de percursos formativos que possam romper com as estruturas que estão postas sendo possível construir dentro e fora da escola relações sociais mais justas, consolidada em uma cultura de respeito à dignidade de cada pessoa, sua identidade e seus direitos.

A educação intercultural crítica nos desafia a pensar e desenvolver projetos educativos em que a inclusão, equidade e justiça estejam presentes em todas as ações dialogando e valorizando as culturas. A escola deve ser vista como espaço plural em que os diferentes se completam, convivem e produzem aprendizagens em uma relação de respeito e acolhimento.

É preciso valorizar o conhecimento enquanto construção histórica e social que deve estar a serviço da emancipação humana, exigindo superar a ideia de prática docente individualizada e competitiva que considera o professor como simples executor de tarefas, imprimindo uma ideia de praticidade aos processos educativos e desconsiderando os desafios geográficos, culturais e sociais que interferem no desempenho dos estudantes.

Diante de tantos atravessamentos que alteram as relações no cotidiano escolar é preciso pensar formas de promover práticas interculturais críticas, isso exige da gestão escolar um compromisso ético e político com a formação de professores através de um currículo socialmente engajado e centrado nos estudantes.

Para tanto, é fundamental que a gestão oportunize processos formativos dialógicos, colaborativos e sensíveis as necessidades de cada contexto.

METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma pesquisa de campo motivada pela seguinte pergunta norteadora: Quais são os desafios enfrentados pela gestão escolar que impedem a promoção de uma educação intercultural? O objetivo é analisar os obstáculos enfrentados pela gestão de uma escola da rede municipal de Jijoca de Jericoacoara-CE, que dificultam a implementação de práticas interculturais no cotidiano escolar. Para isso, foi adotada

uma abordagem qualitativa, com a coleta de dados realizada por meio de um questionário aberto aplicado à equipe gestora da escola, composta por quatro integrantes: três coordenadoras pedagógicas e uma diretora geral.

A escolha da escola como locus da pesquisa se deve ao fato de ser a instituição que recebe o maior número de alunos do nível fundamental II no município de Jijoca de Jericoacoara. Além disso, por se tratar de um público pré-adolescentes e adolescentes, que frequentemente enfrentam questões relacionadas a bullying, preconceito e discriminação, surgiu o interesse em investigar como a gestão escolar lida com esses problemas. A interpretação dos dados será feita através da análise das respostas ao questionário aplicado.

REFERENCIAL TEÓRICO

O termo "Educação Intercultural" despontou a partir da década de 1970 como uma forma de luta a favor dos direitos civis, destacando a liberdade de escolha como uma das principais bases para se viver em sociedade. Paralelamente, ocorreram significativas transformações sociais e educativas, marcadas pela crescente diversidade cultural nos meios sociais e pela forte luta à favor da descolonização. Esses fatores foram decisivos para que as sociedades não fossem vistas apenas como multiculturais, mas para que a multiculturalidade se transformasse em uma ponte, permitindo que diversas culturas se entrelaçassem e dialogassem interativamente.

A educação intercultural é caracterizada por um enfoque na igualdade de oportunidades educacionais, no combate ao preconceito e à discriminação, e na promoção de competências interculturais que permitam aos indivíduos viverem harmoniosamente em sociedades plurais.

Diante da importância que o debate intercultural assumiu, é inevitável que ele alcance o âmbito educacional, pois é nesse ambiente que ocorrem diversas interações e encontros com as diferenças. Atualmente, muitos estudiosos tentam trazer essa discussão para o foco das escolas.

O conceito de interculturalidade expandiu-se globalmente ao longo do tempo. Walsh (2010) destacou que, a partir da década de 1990, o termo tornou-se "moda" e, conseqüentemente, organismos internacionais como UNESCO, Banco Mundial, OCDE, além de governos e instituições nacionais, passaram a utilizá-lo para atender a objetivos administrativos, comerciais e institucionais. Isso criou a necessidade de diferenciar uma

"interculturalidade funcional", que apoia os interesses do poder dominante, de uma interculturalidade concebida como um projeto político de transformação social e de questionamento das relações desiguais de poder. Assim, é essencial abordar a interculturalidade de uma perspectiva crítica, visando reformular as estruturas sociais que marginalizam, subordinam, invisibilizam, oprimem e desumanizam o outro.

A saber, Walsh (2009) distingue duas vertentes da interculturalidade: a funcional e a crítica. Apesar de ambas serem denominadas interculturais, suas finalidades são bastante diferentes: a primeira, manipulada pela classe hegemônica, e a segunda, pautada no real reconhecimento das diferenças. Em relação à interculturalidade funcional define que os aspectos

[...] não apontam para a criação de sociedades mais equitativas e igualitárias, mas para o controle do conflito étnico e a conservação da estabilidade social, com o fim de impulsionar os imperativos econômicos do modelo neoliberal de acumulação capitalista, agora incluindo os grupos historicamente excluídos. [...] Walsh(2009, p. 21).

Na educação, podemos associar essa definição a momentos folclorizados que acontecem dentro das escolas como datas comemorativas, feiras ditas “culturais” realizadas muitas vezes sem objetividade e planejamento sem a atenção para a diversidade sociocultural dos alunos.

Sobre o prisma da interculturalidade crítica, Walsh (2009, p.25) considera

[...] como ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – alentam a criação de modos *outros* – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras.

A interculturalidade crítica responde aos interesses de propostas educacionais que tenham como um de seus objetivos problematizar as relações de poder impostas pelas classes dominantes.

O cerne da questão é possibilitar que o discurso sobre interculturalidade crítica aconteça dentro do âmbito escolar como forma de desnaturalizar a dificuldade em viver uma Educação Intercultural, colaborando com a construção de uma escola pública, justa e democrática.

Conforme Cury (2007, p. 493), o termo gestor(a) decorre do latim *gestatio*, ou seja, gestação, “ato pelo qual se traz dentro de si algo novo e diferente: um novo ente”. Nesse contexto, a gestão escolar é fundamental para criar espaços reflexivos sobre a atuação da escola em casos de preconceito, discriminação e racismo.

Cada estudante carrega consigo uma história única, muitas vezes marcada por inseguranças e sentimentos de inferioridade que podem permanecer ocultos. Portanto, é vital que a gestão, como líder organizacional da instituição, desenvolva estratégias interculturais eficazes para abordar essas questões. Como bem orientam Silva e Rebolo (2017, p. 189)

Deverão ser oferecidas formações que preparem os professores para trabalhar com a diversidade, com a escola heterogênea, que estejam preparados (intelectual/cognitiva e emocionalmente) para realizar as mudanças necessárias e enfrentar os desafios inerentes ao novo.

Preparar os educadores para enfrentar desafios e implementar mudanças necessárias é crucial, pois a educação contemporânea exige profissionais sensíveis às diferenças culturais e sociais, capazes de promover ambientes inclusivos e acolhedores para todos os alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o objetivo da pesquisa, que é analisar os obstáculos enfrentados pela gestão de uma escola da rede municipal de Jijoca de Jericoacoara-CE, os quais dificultam a implementação de práticas interculturais no cotidiano escolar, as pesquisadoras desenvolveram um formulário no *google forms*, o qual foi enviado via *whatsApp* para gestão. Ressalta-se que os participantes também preencheram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que explicava o objetivo da pesquisa e deixava evidente que os gestores têm total liberdade em se recusar a participar, bem como poderiam retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

Com a intenção de não revelar a identidade das profissionais serão adotadas as seguintes siglas: Diretora Geral (DG), Coordenadoras Pedagógicas 1, 2 e 3 (CP¹, CP², CP³).

Para início de análise, verifica-se a resposta dada a primeira pergunta. Quando interrogadas sobre: No cotidiano escolar, a gestão se depara com situações de bullying, preconceito e/ou discriminação entre os alunos? Se sim, quais são as principais queixas? A resposta da DG sintetiza bem as devolutivas das CPs.

Quase todos os dias a rotina da gestão é interrompida para resolver problemas de bullying , preconceito e discriminação. Os motivos são os mais diversos: lgbtfobia, gordofobia, preconceito racial, discriminação dos alunos PCDs, meninos das áreas de conjuntos habitacionais da cidade também são discriminados, enfim, são muitas questões que acontecem no dia a dia da escola.

Percebe-se na fala da DG em consonância com as das CPs, a dificuldade em manter um ambiente harmonioso, de interação entre os diferentes grupos que compõem a escola, pois como também afirma Candau (2012, p.2)

Diferentes manifestações de preconceito, discriminação, diversas formas de violência – física, simbólica, bullying –, homofobia, intolerância religiosa, estereótipos de gênero, exclusão de pessoas deficientes, entre outras, estão presentes na nossa sociedade, assim como no cotidiano das escolas.

Isso mostra que esses assuntos precisam estar em pauta dentro das instituições de ensino. Não há como garantir uma aprendizagem eficaz, se dentro da sala de aula existir alunos depreciados por sua condição social, sua limitação física e/ou intelectual, sua raça, cor, credo, orientação sexual. Se essas situações forem bem resolvidas no âmbito escolar, certamente repercutirá na sociedade, tendo em vista o compromisso social da escola.

Um plano de ação traçado no início do ano é uma estratégia pedagógica fundamental para a gestão escolar. Ele ajuda a definir a direção da escola, otimizar recursos, monitorar o progresso, engajar a comunidade escolar, melhorar a qualidade da educação e criar um ambiente de responsabilidade e adaptação contínua. Pensando em um plano de ação pelo viés intercultural , lançou-se a segunda pergunta: O plano de ação da escola estabelece metas e/ou estratégias para lidar com a diversidade presente nas salas de aula? Se sim, como essas metas e/ou estratégias são implementadas na prática?

Temos apenas a meta de atenção diferenciada para os alunos PCD com o objetivo de interagir no meio social, promover a socialização dos alunos no meio escolar e informar sobre o preconceito às pessoas com necessidades especiais, atendimento individualizado com um cuidador responsável, acompanhamento dos avanços desses alunos onde é elaborado o PEI (Plano Educacional Individualizado) . Na prática diária acontece, mas ainda temos muito a avançar no atendimento a esses educandos. (DG)

Infelizmente no plano não temos muitas ações. No momento temos uma ação específica para o público PCD . No qual os professores (infelizmente uma minoria), procuram realizar atividades diferenciadas para esse público. (CP¹)

Sim. Rodas de conversas, dentro do possível da escola. Metas traçadas na semana pedagógica, junto ao grupo de professores e demais profissionais envolvidos. Orientação aos professores para trabalho direcionado, usando aulas próprias para a ação. (CP²)

Em partes, sim. Através das aulas, do diálogo, da conscientização. No entanto, não suficiente. É necessário um trabalho mais direcionado. Acredito que o excesso de situações de indisciplina que lidamos diariamente reflete exatamente a ausência deste trabalho. (CP³)

A percepção sobre diversidade ainda é bastante limitada. As respostas das gestoras indicam uma atenção maior ao público PCD, possivelmente devido à imposição legal que exige a aceitação desse grupo no ambiente escolar, além da luta diária de pais e responsáveis para garantir a inclusão de seus filhos. Como bem expresso na resposta da CP¹, “...os professores (infelizmente uma minoria) procuram realizar atividades diferenciadas para esse público.”

Isso evidencia a necessidade urgente de abordar a interculturalidade de forma mais abrangente nas escolas. As iniciativas atuais são ainda muito incipientes. A educação intercultural vai muito além de oferecer atividades “diferenciadas”. É fundamental que os alunos PCD sejam reconhecidos e valorizados, não apenas como um grupo que já se tornou comum nas escolas, mas como indivíduos que merecem um ambiente verdadeiramente inclusivo e respeitoso.

Esse olhar negado aos diferentes é o que Cortesão (2004) chama de “daltonismo cultural”, a incapacidade de reconhecer e acolher o outro. As salas de aula estão cheias de “outros” que, na correria do cotidiano escolar, não são vistos e muito menos valorizados. Quando aparecem, muitas vezes é para denunciar o sofrimento enfrentado por preconceito e/ou discriminação. A fala da CP³ reforça essa ideia ao afirmar: “É necessário um trabalho mais direcionado. Acredito que o excesso de situações de indisciplina que lidamos diariamente reflete exatamente a ausência deste trabalho.”

Sobre a necessidade de reconhecer as identidades plurais presentes no âmbito escolar, perguntou-se o seguinte: Os estudantes têm suas identidades e diferenças reconhecidas no cotidiano escolar? Se não, quais ações são necessárias para o enfrentamento dessa questão? As respostas foram:

São reconhecidos timidamente, pois os problemas de bullying recorrente na escola, acredito que seja a falta de reconhecimento e aceitação pelos próprios alunos da realidade na qual estão inseridos. Acredito que um trabalho coletivo de conscientização, vivência e troca de experiência entre os grupos ajudaria no enfrentamento da questão. (DG)

Como deveria não, devido a inúmeras situações internas e externas que chegam até a escola. Se faz necessário atividades específicas para que sejam incluídas dentro da rotina da escola. (CP¹)

Alguns, sim. De forma mais ativa os que têm a liberdade familiar para se expressar. A escola é um espaço para todos, porém, muitos precisam de apoio para melhor interação, vivência. (CP²)

Em partes, sim. Mas precisamos intensificar o acolhimento dos alunos. Fortalecer as relações sociais primando pelo respeito e diálogo. Valorização das identidades. A inclusão efetiva de todos. (CP³)

Fica exposto nas respostas que todas concordam sobre a importância da valorização de identidades e diferenças presentes na escola, porém percebe-se também que na prática isso não acontece frequentemente. É válido ressaltar as estratégias para enfrentamento dessa situação sugeridas pelas gestoras como: trabalho coletivo de conscientização, vivência e troca de experiência, atividades específicas inclusas na rotina escolar, a escola ser vista como um espaço para todos e intensificar o acolhimento dos alunos, fortalecendo as relações sociais e primando pelo respeito e diálogo. São ações basilares no fortalecimento de uma educação intercultural. Como ressalta Silva, Rebolo (2017, pág. 182)

[...] é possível verificar a urgência de se reconhecer e de se valorizar as diferenças, uma vez que se tornam indispensáveis e essenciais na dinâmica das escolas. Ressalta-se a importância da dimensão cultural como forma de potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos para todos os sujeitos envolvidos no âmbito escolar, com questões e discussões referentes aos seus direitos.

A convivência com diferentes grupos socioculturais pode gerar muitas tensões e conflitos, por isso a necessidade de uma tomada de consciência sobre a singularidade de cada ser humano. Cada pessoa possui sua identidade e suas diferenças, e isso não deve ser visto como um problema a ser resolvido. A homogeneização não é a solução; pelo contrário, a diversidade deve ser valorizada. A escola é um espaço de encontro e interação, e assim como a sociedade é plural, a escola também é.

À medida que a educação adota esse viés inclusivo e intercultural, contribui para a construção de uma sociedade menos desigual, menos preconceituosa e mais pacífica.

Entende-se que é primordial os professores estarem em constante formação, uma vez que a formação inicial raramente trata dessas situações que são inerentes ao exercício da profissão. Portanto, explorar essas temáticas do contemporâneo como preconceito, discriminação, respeito às diferenças, é essencial, pois acontecem constantemente no ambiente escolar e muitas vezes os professores não sabem como agir e ao se depararem com isso, na maioria das vezes, a principal iniciativa é levar o caso ocorrido para gestão para que se tome as devidas providências. Então, para verificar como se articula a formação continuada sobre essas temáticas, perguntou-se: A gestão pedagógica oferece formações aos professores sobre diversidade PCD (Pessoa com Deficiência), cultural, social, orientação sexual e étnico-racial? Se não, qual é o principal motivo dessa ausência? As respostas foram maciçamente, não. Observa-se os motivos:

Algumas formações são oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação. A coordenação pedagógica não consegue realizar essas formações e muitas vezes

até não consegue acompanhar os planejamentos com os professores devido ao grande número de substituições, provas externas, eventos, demandas de atendimento com família e tantas outras demandas que vêm do externo. (DG)

Não, o trabalho pedagógico tem sido um desafio diário em substituição de professores, avaliações externas e outros trabalhos e as formações com professores sobre a diversidade PCD tem sido apenas através da Secretaria de educação. (CP¹)

A escola recebe formações via Secretaria de Educação que se intensifica na vivência constante da escola. (CP²)

Não. Somos consumidas por outras demandas da escola como provas externas, aulas de reforço, foco nas turmas avaliadas, olimpíadas, eventos, entre outros. (CP³)

Ao analisar as respostas das participantes sobre a formação de professores para a diversidade, percebe-se uma notável ausência dessa formação, justificada principalmente pelas demandas recorrentes nas escolas, como substituições de professores, olimpíadas, eventos, e, sobretudo, o foco nas avaliações externas.

Esse cenário suscita uma reflexão importante: será que essa constante agitação nas escolas, com o acúmulo de tarefas e a corrida por resultados, realmente beneficia o processo de ensino-aprendizagem? Até que ponto essa dinâmica prejudica alunos e profissionais da educação? Um sistema que prioriza números em detrimento da qualidade, da reciprocidade e do acolhimento se distancia cada vez mais de uma das principais missões da escola: educar para a cidadania. Esse distanciamento compromete a humanização dos indivíduos, impedindo que eles compreendam e respeitem as diferenças sociais, religiosas e culturais, e que sejam capazes de conviver pacificamente com os outros.

Corroborando com essa reflexão, Franco (2016, p. 538) adverte que:

A esfera da reflexão, do diálogo e da crítica parece cada vez mais ausente das práticas educativas contemporâneas, as quais estão sendo substituídas por pacotes instrucionais prontos, cuja finalidade é, cada vez mais, preparar crianças e jovens para as avaliações externas, a fim de galgarem um lugar nos vestibulares universitários. A educação, rendendo-se à racionalidade econômica, não mais consegue dar conta de suas possibilidades de formação e humanização das pessoas.

Diante desse contexto, os profissionais da educação são desafiados a reconsiderar suas concepções e métodos de trabalho para acolher a diversidade e combater atitudes ou práticas que violem a dignidade humana. A equipe de gestão possui uma responsabilidade significativa na criação de um ambiente formador sobre tais situações. É necessário que os professores reflitam sobre isso e sejam sensíveis à diversidade presente no espaço escolar. Como ressalta Fleuri (2022, p. 233)

Tendo em vista, fundamentalmente, a formação docente, é necessário nos atentarmos para as variadas demandas exigidas, principalmente quando se tem em vista uma das temáticas candentes na atualidade que é a diversidade sociocultural; em nossos dias, essa temática é um dos focos mais relevantes, especialmente nos processos formativos.

A preparação dos professores deve ir além da mera transmissão de conhecimentos, incluindo reflexões sobre como lidar com diferentes contextos culturais, sociais e identitários presentes nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou analisar os obstáculos enfrentados pela gestão de uma escola da rede municipal de Jijoca de Jericoacoara-CE, que dificultam a implementação de práticas interculturais no cotidiano escolar.

O conjunto de dados revelou a necessidade de práticas formativas sobre Educação intercultural crítica como forma de melhorar o clima escolar e favorecer processos de interação e respeito entre os diversos grupos presentes na escola. O enfrentamento das gestoras de situações conflituosas entre os alunos também exige ações estratégicas para lidar com a diversidade presente na sala de aula.

Contudo, os achados mostram uma percepção ainda muito superficial sobre o trabalho com a valorização das diferenças.

A partir dos achados verificou-se a ausência de práticas genuínas da Educação intercultural crítica no cotidiano da escola pesquisada, justificado especificamente por demandas próprias do sistema educacional contemporâneo como preparação dos estudantes para olimpíadas, participação em eventos, foco em avaliações externas e substituição de professores.

Diante do exposto, compreende-se que a Educação intercultural crítica é um projeto que considera a necessidade de diálogo entre as culturas e que parte da necessidade de rompimento das estruturas de poder presentes numa sociedade neoliberal. Questionar os modelos educativos que estão postos é fundamental para o fortalecimento de uma educação transformadora, inclusiva e democrática.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. **Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos.** Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012.

CANDAU, V. M. F.; IVENICKI, A. **A pesquisa multi/intercultural na Educação: possibilidades de articulação a processos educativos.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 32, n. 122, p. 1-21, jan./mar. 2024. DOI: e0244311. Disponível em: <https://www.unifoa.edu.br/wp-content/uploads/2024/06/Candau-e-Ivenicki-2024-A-pesquisa-multiintercultural-na-Educacao-possib.pdf> . Acesso em: 11 de julho de 2024.

CORTESÃO, L. **O arco-íris e o fio da navalha: problemas da educação face às culturas - um olhar crítico.** Grifos, n. 15, p. 89-103, 2004.

CURY, C. R. J. **A gestão democrática na escola e o direito à educação.** RBPAE, v. 23, n. 3, p. 483-495, set./dez. 2007

FLEURI, R. M. **Educação intercultural e formação de educadores** [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2022. Disponível em: <https://ci.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/educacao/educacao-intercultural-e-formacao-de-educadores-1>. Acesso em: 27 de junho de 2024.

FRANCO, M. A. S. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito.** Rev. bras. Estud. Pedagog, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVspzTq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 de junho 2024.

SILVA, V. A.; REBOLO, F. **A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor.** Interactions, v. 18, p. 179-190, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/citation/export/qPLYDcBpqSgrLYKh5PfgjWw/?format=bib>. Acesso em: 15 de agosto de 2024

WALSH, C. **Interculturalidad crítica y educación intercultural.** In: VIAÑA, J.; T., L.; WALSH, C. Construyendo interculturalidad crítica. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010. p. 75-96.

WALSH, C. **Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas.** In: CONGRESO DA ASSOCIATION POUR LA RECHERCHE INTERCULTURELLE, 12., 2009, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2009.